



PAPEL DO FUTURO, FUTURO DE PAPEL

Sheyla Smanioto Macedo
Susana Dias
Carlos Vogt

Há uma rebelião entre os papéis. Agitados e amontoados, papel-de-seda, cartão, couchê, jornal, revista, carta, bloco, pautado, de desenho, papel-multimídia, papel-tela-da-TV, colocam em jogo a gramatura, a densidade, o brilho, a cor, a opacidade, o cheiro, o custo, ou seja, a impressão. Impressão essa que vai além da mera reprodução de textos e imagens e que marca o relevo das subjetividades contemporâneas sob o signo do medo e do controle. Mundospapéis que afetam intimamente nossas relações com a vida, com o futuro. O que podem os papéis? De que políticas são capazes se libertos de uma indústria do papel movimentada pelo desejo de representar e aprisionar vidas e futuros?

Quando nos colocamos diante do papel, ele nos parece externo – mas suja nossas mãos: contamina-nos com suas “palavras-tintas que não se querem presas ao papel” –, é território minado de signos, afigurando como metáfora das nossas relações mentais com o papel, entendido conceitualmente como papel-máquina que não se pode alheio às relações humanas, às culturas. Desse pedaço que deixa em nós suspeitamos um pedaço de nós nele: e em jogos de contaminação deflagramos essa intimidade que se tenta imperceptível, mas deixa no ar um meio-sorriso. É esse lugar, esse tempo, que nos põe íntimos do papel, que pretendemos abordar neste artigo: o da linguagem que dissolve em toque, como “máquinas que produzimos e que se produzem em nós”¹.

Tentados por um pensar com a escrita que não se limita a um pensamento centrado nos sujeitos, perguntamos: de que comunicações o próprio papel é capaz? Como ele poderia resistir (re-existir)? Como estabelecer uma relação entre papel, escrita, comunicação e resistência (re-existência) num mundo de tempos e lugares em que o papel (livro, jornal, revista, multimídia, tela da TV, do cinema etc) emerge como espaço-tempo de controle, fixação de significações? Que experiências perceptivas o papel poderia maquinar de modo a fazer arder oposições e comparações entre mundos visíveis-invisíveis, reais-imaginários, verdadeiros-falsos, originais-cópias? Assim, tomados de interesse pelo papel e suas políticas de fabulação, lançamo-nos nessa inebriante e vertiginosa aposta na companhia de filósofos como Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Rancière.

Pela ex-posição de um papel que, constrangido por uma fragilidade anunciada, prostra-se como realidade infiançável, mas ainda é papel e frágil diante do tempo que queima-teima em passar, discutiremos que tramas são essas que dispõem o papel nessa relação de *duplo do mundo*: “substituto frágil da realidade”², nos dizeres de Chevalier. Pretendemos, portanto, discutir as relações entre o papel e o mundo e o faremos pela proposição de *lugares-tempos* que, não sendo papel nem mundo, são *papel-quase-mundo*: *tempos e mundos de papel* – em conversas deflagradas através de uma leitura de *A invenção de Morel* (2008), romance de Bioy Casares, tendo em vista as relações que seu narrador estabelece com seu mundo feito papel em afetos com a escrita³.

E na intimidade *papel-quase-mundo*, que os põe indiscerníveis entre si, pensaremos nos livros-labirintos de

¹ DIAS, Susana Oliveira. *Papelar o pedagógico: escrita, tempo e vida por entre impressas e ciências*. 2008. 218 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2008, respectivamente, p. 17, p. 20.

² CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008. p. 683.

³ Estas possibilidades advêm das escritas-pesquisas desenvolvidas no projeto de iniciação científica de Sheyla Cristina Smanioto Macedo, “Sobrevivência pela máquina da escrita”, financiado pela Fapesp (Processo: 2009/00745-0) sob orientação de Carlos Vogt e Susana Dias, propondo investigar as seguintes questões: “que relação há entre o mundo e a linguagem, notadamente no registro? Que sobrevivência é possível movimentar a partir dos registros? Pode-se pensar num tipo de escrita-fotografia que vá além do registro de um acontecimento para ser, ela mesma, acontecimento? Em que medida a escrita-imagem pode realizar?”.

Borges e nos labirintos de fogo que transformam e põem a viver os papéis-jornais nas fotografias de Marli Wunder, para pensar a intimidade entre esse *papel-quase-mundo* e a linguagem que ele suporta; e pensando no que nos sugerem as relações – propostas metáforas materiais, no sentido borgeano, para nossos afetos com o papel – de uma fixidez falseada na água que dissolve no toque e de fogos-signos prontos para contra-fixações, conversar a relação entre o papel e a linguagem que ele suporta, notadamente o papel-jornal que age numa forte investida na política da reconhecimento, redundância do mundo pronta para aprisionar sentidos.

Políticas de papel

*O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afeto das afecções, a sensação da opinião – visando, esperamos, esse povo que ainda não existe*⁴.

⁴ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 229.

Os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari dizem da potência de uma escrita que aqui anima a pensar o *papel-quase-mundo*, o livro, o jornal: uma escrita que recusa a revelar essências, totalizações, verdades, leis gerais; que suspende as possibilidades de estabilizações, equivalentes e correspondências entre papel e vida: que, afim com as ideias de Nietzsche, pretende-se superficial por profundidade. Uma escrita que convida ao acontecimento, que resiste, sobretudo, ao ensinamento que o papel exerce em nós. Papel “portador de imagens, (...) substituto frágil da realidade: tigre de papel”⁵. Papel que ensina, emite signos furiosamente, profere palavras de ordem – palavras que não são mesmo feitas para que se acredite nelas, “mas para obedecer e fazer obedecer”⁶. Papel-máquina cujas maquinações fazem ver e falar *sobre* mundos e *dos* mundos encantados de palavras – que insistem numa lógica de representação do mundo *no* papel, na reconhecimento entre mundo e papel, na disposição dicotômica dos relacionados papel e (ou) mundo.

⁵ CHEVALIER, Jean. *Op. cit.*, p. 683.

⁶ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 14. (Coleção TRANS).

Interessa-nos pensar em uma postura de pensamento, de escrita e de pesquisa que desvia da interpretação e da explicação do que se faz visível nos seres-objetos-corpos, e da explicitação das experiências subjetivas dos indivíduos-leitores-escritores; interessa-nos pensar em um encontro-pesquisa com a escrita errante de fixações, errante de sujeições a limites cravados. O impessoal é uma política que traz à tona o esplendor do *on*, do impessoal, não se tratando de mera escolha linguística (como faz o jornal), mas da prática

de desvios – “linhas de fuga” em que vida e escrita, por intermédio do impessoal, fazem-se indiscerníveis uma da outra⁷; e por indiscernível entendemos a confusão inevitável quando nesse jogo de afetos que os põe em interferências mútuas. Desse modo, como explica Jorge Vasconcellos sobre essa política do impessoal:

o percepto não é a percepção do homem, assim como o afecto não são seus sentimentos. Percepto e afectos são novas possibilidades subjetivas, ou, se quisermos ainda, eles ensejam novas subjetividades. Subjetividades sem nenhum compromisso com qualquer forma de humanismo. Subjetividades ‘inumanas’⁸.

⁷ SCHERER, René. Homo Tantum. O impessoal: uma política. In: ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 29. (Coleção TRANS).

⁸ VASCONCELLOS, Jorge. *Deleuze e o cinema*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. p. 30.

Na órbita dessa teia de conceitos, propomo-nos a interrogar as possibilidades de tais paisagens de pesquisa no que diz respeito ao campo da comunicação e educação científicas: se nelas as possibilidades de pensar a escrita (textual, imagética, sonora) não se fazem pelo sujeito, o que as movimentam?

Birman diz que,

na escrita, o artigo indefinido tem a ver com a lógica do signo e não do significante, pois ela nos remete, enquanto leitores, a algo que se situa no limite e fora da linguagem, isto é, às visões e audições não-linguageiras.⁹

⁹ BIRMAN, Joel. Os signos e seus excessos. A clínica em Deleuze. In: ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Op. cit., p. 477. (Coleção TRANS).

A aposta na potência do pensamento sem sujeito, do artigo indefinido, encontra forças nos signos, tomando-os, entretanto, fora da relação significado-significante (seja de semelhança ou diferença), na medida em que esta remete sempre a uma assinatura, a um autor, a um rosto articulador.

Os signos, vestígios de intensidades, dão a ver os problemas, os obstáculos, mas, ao mesmo tempo, os caminhos e meios da criação. Para Joel Birman, a potência do pensamento de Gilles Deleuze está em recuperar novas potências do dizer e do escrever em que são enfatizados trajetos e cartografias impessoais, as quais não são valorizadas quando a escolha recai sobre as representações; a potência está, portanto, nessa relação com a escrita que não se dá em políticas representacionais, na medida em que a elas criam impasses, obstáculos à saúde, doenças, momentos de parada e interrupção da escrita/criação.

O convite que o pensamento de Gilles Deleuze propõe nos leva a afirmar que o papel-imprensa não reproduz nem representa a vida, mas está conectado, inserido nessa vida-seres-objetos-eventos. A vida não está *no* papel – o papel não resistiria a ser um suporte da vida e nem a vida toleraria ser copiada, reproduzida, representada *no* papel.

¹⁰ DELEUZE, Gilles & GUAT-TARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. *Op. cit.*, p. 13.

¹¹ DELEUZE, Gilles & GUAT-TARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. *Op. cit.*

¹² DELEUZE, Gilles & GUAT-TARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. *Op. cit.*, p. 55.

¹³ DELEUZE, Gilles & GUAT-TARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. *Op. cit.*, p. 146.

¹⁴ A fabulação é um conceito que movimentou a pesquisa de doutorado de Susana Oliveira Dias, desenvolvida na Faculdade de Educação da Unicamp sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, bem como os projetos de pesquisa e extensão, no campo da divulgação científica, na interface entre arte, ciência e filosofia, desenvolvidos pelo Lajor sob coordenação do Prof. Dr. Carlos Vogt e subcoordenação da Profa. Dra. Susana Oliveira Dias: *Biotecnologias de rua* (2007-2009, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq); *Um lance de dados* (2009-2010, financiado pelo Proext 2009-MEC/MinC) e o recém-aprovado *Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica?* (2010-2013, enviado ao edital MCT/CNPq N° 14/2009). Este último projeto, pretende “pensar a fabulação pelas imagens e escritas com outros autores como Bruno Latour e Isabelle Stengers, e investir numa pesquisa que acontece, também, pelo estudo e análise de obras artísticas, bem como experimentação na criação de imagens e textos numa articulação entre artistas e o público em oficinas e na criação de artefatos culturais”.

“A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda”¹⁰. E já sempre menos que a vida, o papel-imprensa a repete de modo excessivo, abundante, transbordante: age na redundância do mundo, emitindo palavras de ordem.¹¹ Afirmações, perguntas, juramentos, previsões, promessas, ordens. Palavras de ordem que não informam conteúdos e códigos, que tornariam possíveis explicações; que não comunicam signos como informações, embora assim queiram; mas que efetuam esses atos de fala implícitos na linguagem, que só podem se realizar na linguagem – que dizem por dentro do que se diz, empunhando e apunhalando nossos modos de dizer através de políticas de fixação. Não há identidade entre o papel e a vida, mas redundância, simultaneamente, de ato e enunciado, de forma que o efeito de representação, identidade, semelhança, tempo presente, toma corpo intensamente no papel-imprensa que tem como material a quase-materialidade da imagem.

Como máquinas de copiar, constroem um duplo do mundo cujas pretensas fidelidades são estraçalhadas em trações fundamentais da linguagem: os elementos de um duplo, não conhecendo seus limites, desdobram-se inicialmente como apelo à imortalidade, mas acabam por se configurar estranhos anunciadores da morte. Qualquer duplo tem transpassado em si a sensação de morte que atravessa o papel-imprensa: a sentença de morte que suas palavras de ordem efetuam são, entretanto, simultaneamente, ameaça e fuga. Dessa forma, a questão não é de como evitar o duplo, e a intimidade com a morte que ele provoca, mas como voltar-se para ele e vê-lo na indiscernibilidade de seus elementos que os põe íntimos, não-dicotômicos; portanto, a questão, para Deleuze e Guattari, não é como evitar as palavras de ordem, mas como fazer delas “potências criadoras”¹².

Toleraria o papel-imprensa atuar para além da redundância, afirmar novas maquinações? O que ele pode acrescentar à vida? Quem sabe efetuar um ato de fabulação capaz de libertar uma nova vida, independente, “extraindo da vida uma ‘imagem preciosa’, aquilo que a vida não pode realizar em si mesma”¹³, aquilo que ela não produziria sem muito esforço; ato em que contemplássemos paisagens estranhas, em vez de um só mundo: vê-lo fragmentando-se, multiplicando-se em partes incomunicáveis, inconstantes, incongruentes. Quebrando o efeito de complementaridade, contiguidade, entre mundo vivido e mundo representado numa criação violenta de uma escrita-vida que faz extravasar, transbordar a matéria vivida ou o vivível.¹⁴



A fabulação, para Gilles Deleuze, é o caminho para a literatura, escrita, saúde, vida. A literatura e a escrita são considerados como espaços privilegiados de uma experimentação contínua do sujeito, da crítica e da clínica – como um laboratório de vida. “Se, na prática da escrita, a literatura se materializa enquanto ficção, é entre escrita e ficção que se deverá tentar pensar o sujeito da diferença, os simulacros e a singularidade impessoal”¹⁵. Na literatura, a crítica à representação intensamente feita por esse filósofo e a clínica, possível a partir de um diagnóstico dos signos, doenças, problemas, tornam-se meios de experimentar o resistir e, ao mesmo tempo, denunciar as formas de aprisionamento da vida *pelo* homem e *no* homem que a própria escrita não cessa de produzir. A fabulação, diz Joel Birman,

*(...) seria, pois, a própria potência em ato, que traduziria a língua instituída como estrangeira. Assim, a escrita supõe não apenas a decomposição da língua materna, mas também a invenção de uma nova língua dentro da língua, pela emoção da sintaxe.*¹⁶

¹⁵ BIRMAN, Joel. Os signos e seus excessos. A clínica em Deleuze. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica. Op. cit.*, p. 475.

¹⁶ BIRMAN, Joel. *Op. cit.*, p. 476.

Palavras, imagens, papéis numa luta contra si mesmos que os põe instáveis, incontáveis, inventáveis. Uma reviravolta contra a dominação, hierarquização, oposição – um contínuo escavar sulcos contra os poderes psicologizantes instituídos, que sempre seduzem e reduzem o papel, suas potencialidades, seus riscos, à centralidade dos sujeitos. Pela literatura, Gilles Deleuze nos oferece caminhos para se pensar o sujeito como singularidade impessoal, na medida em que a fabulação não é um mito pessoal, mas também não é uma ficção pessoal – antes a função fabuladora se efetua como possibilidade de dar força às zonas de indiscernibilidade entre papéis-imagens-humanos-imprensas-ciências, de indecidibilidade entre real-verdade-ficção. São possibilidades da educação e da comunicação deixarem de estar submetidas ao poder da representação e encontrar forças no ato de fabulação. Forças que emergem quando o papel alça voos sobre o real, quando produz um entremeio que dura, na pura intensidade do acontecimento que se apresenta na linguagem e no mundo, ao mesmo tempo.¹⁷

¹⁷ DIAS, Susana Oliveira. *Op. cit.*

Papel-quase-mundo

*Para ir da vibração extraída pelo artista à vibração revolucionária, é preciso um monumento que faça dos blocos de vibração uma linguagem endereçada ao futuro.*¹⁸

¹⁸ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 1995. p. 128.

Quando as palavras do *escrevedor* – optamos por chamá-lo “escrevedor” porque essa atividade o constitui intimamente – de *A invenção de Morel* ganham um rosto, o papel, remontam a uma materialidade que não é a dele, mas de um *universo* de escrita que se porta como o espelho traiçoeiro: em sua tentativa de capturar o horizonte caótico através do abstrato da linguagem, acaba por ser capturado por ela – comentando a falta original que dá origem ao discurso literário. Tal é a transformação do mundo em linguagem da qual fala Judith Grossmann¹⁹: tentativa que, conhecendo-se aporética, quer reatar em imagem o hiato fundador de nossa relação ambígua com a aparência das coisas. Em sua realidade – entendida, tal como propõe Nietzsche, como a sensação de estar imerso num mundo de conceitos fixos, isto é, como a articulação linguística de uma falseada fixidez do mundo; em sua realidade, que já não se ordena *no* mundo, mas *no* papel, há a sobrelevação daquilo que o mundo possui de linguagem. Em sua relação com o mundo, já quase-mundo em sua intimidade com a escrita, esta acaba por contaminá-lo nesse jogo de espelhos que é a relação mundo/realidade/linguagem, em que, ao invés do mundo subjugar a linguagem, ela, ainda solta, o seduz em realidades traiçoeiras.

¹⁹ GROSSMAN, Judith. *Temas de teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1982. p. 6.



²⁰ RANCIÈRE, Jacques. *Op. cit.*, p. 59.

Em cada encontro entre o lápis que aponta a ordem e o caos subterrâneo das folhas de papel, uma nova pose para as mesmas coisas: a escrita, enquanto ato em que a realidade se desata para uma reconfiguração em novas formas mesmo que mesmas, acontece como experiência particular dessa realidade. Como no trabalho de cópia do qual nos diz Rancière, que em sua introdução na vida monástica não pretendia investir na transmissão de herança, mas na mortificação: em uma ocupação do monge que o subtrairia “daquela espiritualidade vazia que recai em inércia do corpo”²⁰. Também em *A invenção de Morel* a escrita se afigura como tensão entre a mortificação e a criação: como ocupação do corpo que transforma a relação com o mundo tal qual experimentado e ele próprio, corpo já vertido em corpo de texto vivo cuja morte é anunciada e sempre iminente. Vida que é sempre quase-morte. Assim, a experiência do mundo que se dá através da escrita coloca as superfícies do real e do papel como um entre-lugar de fluxos e pensamentos que se acomodam nas intermitências da realidade: o papel, que não nos retira propriamente do mundo, e o mundo, de onde não se abstrai o papel, na escrita se conjugam em *papel-quase-mundo*.

Fugitivo em uma ilha, o escrevedor necessita pôr nuas diante de seus olhos as coisas do mundo: constrangê-las para tê-las sob seus domínios, ordenadas em enumerações e descrições que as alcançam em palavras-pás. Dissecando o provável do passado e do futuro a partir de um ato-presente que é a escrita, colocando as partes em potes de papel, ele pretende ordenar o mundo exterior que, a princípio, apresenta-se como o indissociável caótico – o desconhecido que, embebido de medo, já é expectativa de ameaças. Se já o pensamento voa solto, não se quer controlar, no papel as imagens fazem pose: insistem no tempo, transformando-o em sua incapturabilidade – relatando o que lhe acontece, o escrevedor pretensamente obriga seus pensamentos a se ordenarem²¹, fixa-lhes limites para ver que eles não têm encanto, para abandoná-los²².

Ordenar o mundo é pretendê-lo fixo: que separando em partes mínimas elas talvez fiquem indefesas; essa fixação, que vem justamente a serviço de livrar os homens do medo, submete esses mesmos homens aos modos absolutistas: esse querer pôr as coisas fixas não admite exceção. Exceção deixa fresta mesmo em crostas e mais crostas de redundâncias afirmativas da realidade ordenada, e frestas são armadilhas do *quase* e não de definições – frestas sussurram uma fragilidade cuja ordem é negar. Mas, a despeito desse esforço em fincar limites, se a dissociação do caos é estabelecida pela violência de palavras de ordem, como não suspeitar que restem vestígios de um ponto em outro? Dessa violência suspeitamos que, apesar da violência em separá-los, é preciso pensar sua distinção como gradual e não em limites fixos.

A tensão em que bambeia a perspectiva de registro com a qual o escrevedor inicia seus papéis é semelhante à que propõe a escrita como *lugar* de uma experiência estética da vida, onde a relação com o destino (que está escrito, por escrever?) existe em uma tensão ambígua entre a escrita que prevê – como comentário simbólico antecipado – e a escrita que faz acontecer (“Ao narrar circunstancialmente esta ação, acabei por repeti-la.”²³). Santo Agostinho é quem diz²⁴: “há escrita desde que há profecia, ou seja, inscrição de uma palavra chamando o corpo vindouro de sua verdade, figura provada de sua realização posterior”²⁵ – e já esta realização posterior aqui é colocada em tensão, na medida em que o escrevedor acredita que a escrita possa ajudá-lo na produção de um futuro conveniente. A relação de sua escrita com o mundo se poderia pensar óbvia, mas o dele acontece *no papel* e em tanta intimidade que ele passa a orientar

²¹ CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. Trad. de Samuel Titan Jr. São Paulo: CosacNaify, 2008. p. 103.

²² CASARES, Adolfo Bioy. *Op. cit.*, p. 101.

²³ CASARES, Adolfo Bioy. *Op. cit.*, p. 103.

²⁴ Como resposta acerca da possibilidade de atestar a anterioridade da ciência dos hebreus em relação à dos egípcios, conforme destaca Rancière (*Políticas da escrita*, p. 55).

²⁵ RANCIÈRE, Jacques. *Op. cit.*, p. 55.

suas escolhas sob critérios literários e a enxergar o mundo poeticamente, constituindo um “registro” que, ao invés de afirmar, trai a realidade entendida fixa.

Quando uma reviravolta das ideias do escrevedor já era esperada, senão ansiada, nas sugestões dadas em imagens que apontavam para uma complexidade maior dos acontecimentos que ele, em seu impulso ordenatório, aplainava em fatos para se apaziguar, sua promessa de fidelidade retratual é irônica. Quando nos acontecimentos predominam uma maneira de estar que é a do papel, perguntamo-nos: foi a escrita que o envolveu em outros caminhos, ou a realidade que o zombou, secreta? Quem delas é traíçoeira: a escrita ou a realidade? Quem delas não é escrita, ou não é realidade? E pela impossibilidade de determinar um sentido nessa relação, temos esfacelados os nossos modos de ver e estar no mundo – momentaneamente, poeticamente: um acontecimento: já não se trata de determinar quem nasceu primeiro, a realidade ou a linguagem, mas de perceber que a realidade é um emaranhado de conceitos que tecem a relação mundo/linguagem; onde a traição fundamental acontece no que o mundo tem de papel, no que a realidade tem de linguagem, diante de um fatal abismo falseado entre o homem e as imagens.

E se ainda nos espanta a perspectiva de uma experiência literária da vida – cada “visão de mundo” pretende uma maneira de lidar com o primeiro e fatal intervalo que há entre nós e a aparência das coisas, suas imagens: nega-o ou admite-o com a certeza da cisma que finca cada coisa em seu lugar. O literário convida a lidar com contraditoriedades e ambiguidades em dança, para além do *ou* – o que impede as estabilizações; um ficar *entre*, suspendendo determinações e tornando imagens e escritas capazes de exprimir multiplicidades, sem hierarquia: capazes de abrir lacunas que impedem totalizações e formalizações arquivistas do mundo.

É possível nos perguntarmos se onde acaba o mundo começa o papel; e quanto mais frágil é o papel do que o mundo experimentado em políticas de fixação e centralização? Se a escrita participa o mundo de forma a ordená-lo para o escrevedor, o papel é o lugar onde isso acontece: terreno de possibilidades imersas em um silêncio que é constante iminência. Mas, da mesma forma que o mundo não é apenas lugar onde a linguagem acontece, também o papel se envolve em afetos complexos com a escrita: havendo objetos fabricados que, indissociáveis de seus relatos contados, são com eles escrita profética²⁶, então também

²⁶ RANCIÈRE, Jacques. *Op. cit.*, p. 56.

são indissociáveis a realidade e a escrita, o mundo e o papel. Talvez porque o papel seja onde pode haver essa coincidência, descobriremos, quando já envolvidos na trama, que logo ali onde o livro começa coincidem o mundo e a projeção gerada pela máquina de Morel: coincidem, portanto, o livro, o mundo e as imagens-projetadas; já são máquinas abstratas – não mecanismos ou organismos – o livro, o mundo e as imagens-projetadas; então a invenção de que fala o título – que tanto pode ser processo quanto o objeto resultante deste – é menos a máquina de Morel do que a máquina da escrita que se denuncia nas palavras do escritor quando ele diz: “um homem solitário não pode inventar máquinas ou fixar visões, salvo na forma truncada de escrevê-las ou desenhá-las para outros, mais afortunados”²⁷.

²⁷ CASARES, Adolfo Bioy. *Op. cit.*, p. 96.

O mundo em devir capturado em palavra remete ao que fica no papel, enquanto a gente vai: papel-testamento; testando o quê? E já que em testemunho dos desejos de alguém que já não possui voz, a escrita empresta sua voz cujo corpo que a diga encarna-se em sugestão de possibilidades arraigadas a um ritmo que é próprio da linguagem. Pela exposição da relação que há entre os místicos que se expõem ao não-sentido “para fazer de seus corpos a superfície e inscrição da verdade da escrita” e o herói que ficou louco para viver a verdade do livro, Jacques Rancière propõe uma leitura de *Dom Quixote* que já não tem seu herói como aquele que de tantos livros lidos não consegue dissociar a vida e o livro, e sim como alguém que, tendo reconhecida essa dissociação e a fragilidade que a constitui, age como autor de um livro em que é personagem: sacrifica-se à verdade dos livros, ao “mundo [que] é tecido de livros” cuja verdade é a solidariedade que os põe suspensos diante do questionamento dessa verdade.²⁸

²⁸ RANCIÈRE, Jacques. *Op. cit.*, respectivamente, p. 63, p. 63-65, p. 65.

²⁹ RANCIÈRE, Jacques. *Op. cit.*, p. 70.

Também o escritor paga com “seu corpo e sua razão sua louca devoção à verdade do livro”²⁹, se também entendemos, por “verdade do livro”, a “verdade da escrita” que se inscreve em um mundo constantemente fluindo em papel. Estando exposto à máquina de Morel, cuja projeção de imagens se coloca no mundo argumentando-se aos nossos cinco sentidos, garantindo uma eternidade que se dá pela repetição periódica *no mundo* feito tela de um acontecimento filmado, é acometido por uma peste que mata de dentro para fora: que o dissolve desde a pele até a intimidade. Sua máquina da escrita, chamada para fazê-lo sobreviver – não ser devorado pelo desconhecido – acaba por matá-lo, mas através de uma morte ambígua que o leva à eternidade: o sacrifício de um corpo para uma sobrevivên-

cia que se dá em outro nível, a projeção – escrita que exige a vida do escrevedor. Uma morte que opera um devir da linguagem e da vida.

Também Borges deixa coincidir *mundo* e *livro*; em “Do culto aos livros”, ele diz:

*o mundo, segundo Mallarmé, existe para um livro; segundo Bloy, somos versículos, ou palavras, ou letras de um livro mágico, e esse livro incessante é a única coisa que há no mundo: melhor dizendo, é o mundo.*³⁰

³⁰ BORGES, Jorge Luis. Do culto aos livros. In: *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 42.

E o diz depois de sugerir cumulativamente tal afirmação pela apresentação sucessiva da concepção de livro-mundo em diversas religiões: diz dos muçulmanos, para os quais o “Alcorão” (O Livro, *Al Kitab*) é um dos atributos de Deus e não sua mera obra, do tratado “Sefer Yetsirah” (Livro da Formação), que revela a criação do mundo a partir dos números e das vinte e duas letras do alfabeto, e dos cristãos, para os quais sua divindade escrevera dois livros – o volume das Escrituras e o mundo, “volume das criaturas”.³¹ Nesse mesmo texto, Borges destaca a tensão existente nos entremeios do processo mental que culmina no domínio da palavra escrita: como encarnação da memória, o papel é feito *lugar* de uma espécie de perdição que constitui a abnegação da ginástica memorial que é valorizada em sociedades onde a oralidade predomina sobre a escrita (leia-se um dos argumentos de Platão). Esse papel que nos faz lembrar, que *fica* enquanto a gente passa, vai dessa perdição ao sossego do fogo: de tanto desespero em lembrar aprendemos no excesso que, de tempos em tempos, é preciso queimar a Biblioteca de Alexandria.

³¹ BORGES, Jorge Luis. Do culto aos livros. *Op. cit.*, p. 40.

Já em outro texto, “O jardim das veredas que se bifurcam”, Borges traz à tona o terceiro elemento para esse duplo mundo-livro: o labirinto. Vestida em trama meticulosa, conhecemos a narrativa sobre a narrativa de Ts’ui Pen que, tendo se proposto a fazer um livro e um labirinto, deixa atônitos aqueles que os buscam e encontram *apenas* o livro – notadamente porque esse livro, de “veredas que se bifurcam”, constitui um labirinto temporal que permite a coexistência no tempo de muitos desdobramentos possíveis de um mesmo acontecimento porquanto bifurca seu enredo em cada possibilidade. O descendente de Ts’ui Pen diz, ao encontrar o responsável por guardar o livro, Stephen Albert: “O livro é um acervo indeciso de rascunhos contraditórios” – ao que nos perguntamos: e também não é o mundo, de tintas soltas quando experimentado em memória do passado ou do futuro? Mas é ainda mais *mundo* quando o

próprio Albert diz dele: “um labirinto de símbolos, (...) um invisível labirinto de tempo”³².

Quando, diante deste livro-labirinto, os descendentes de Ts’ui Pen, sem reconhecer nele a segunda obra que procuravam, ordenaram que o queimassem – e queimar livros dificilmente soa como ato inocente, pois reclama uma tradição ritual – remete a um desespero de cinzas que comprovam o aniquilamento de uma materialidade que argumenta o tempo anterior. Outro texto de Borges, “A muralha e os livros”, nasce de um susto diante da constatação de que o mesmo imperador, Che Huang-ti, ordenou a edificação da muralha chinesa e mandou queimar todos os livros anteriores a ele; desdobrando essa discussão, Borges propõe que “talvez a muralha fosse uma metáfora” que condenava aqueles que adoravam o passado a uma construção “tão néscia e tão inútil”³³; queimar os livros e construir a muralha seriam atos reflexos de um mesmo impulso de insatisfação com o tempo e a memória. O fogo que consome os tempos, que os põe soltos quando desarmados da espacialidade que os argumenta, que se dá por uma fragilidade então exposta – antes contida, é a morte de um signo que constitui, ela mesma, outro signo. Nenhuma destruição de livros pelo fogo foge à fundação: como símbolo do plano mental e da atividade, o fogo *mantém vivo* matando³⁴ – mas será que só ali, queimando em iminência de morte, o papel vive?

Essas intimidades expostas em frestas movimentadas por leituras apontam para uma experiência da realidade que se constrói imbricada à nossa relação com o papel, já *papel-mundo*. Apontam, portanto, para uma experiência literária da realidade – na contramão de fixações de palavras, realidades, papéis e mundos: por um papel de três margens fluidas. Tomando a palavra como se apenas apontasse para o mundo, a máquina-papel-comunicação válida como absoluto o mundo como inegável referencial, pela afirmação de que a palavra se relaciona com ele passivamente, fixando-o: sem transformá-lo, portanto; torna duro como papel-pão amanhado: como a realidade, ao que não há o sacrifício do corpo de uma verdade por outra verdade que é suspensão. Mas, para Deleuze e Guattari, diz-nos Patrícia Burrowes, a questão não é teimosa, escapa: a ordem dos signos e a das coisas são independentes e heterogêneas, articulando-se de tal forma que, não havendo subordinação, a relação é de interferência mútua – o que chamamos jogo de afetos.³⁵ Nesse contexto, se a sensação de realidade é definida pelo estar imerso num mundo de conceitos fixos e se, como propomos, o afeto que relaciona papel e mundo os confun-

³² BORGES, Jorge Luis. O jardim das veredas que se bifurcam. In: *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 93.

³³ BORGES, Jorge Luis. A muralha e os livros. In: *Outras inquisições*. Op. cit., p. 70.

³⁴ CHEVALIER, Jean. Op. cit., 228.

³⁵ BURROWES, Patrícia. Máquinas de dar a ver e fazer falar: jornalismo e subjetividade em nossa época. *Alceu*, v. 7, n. 13, p. 85 a 97, jul./dez. 2006. p. 91.

de, a fixidez do mundo não se dá apenas nas coisas como seriam, mas, sobretudo, em sua relação com a linguagem – é também uma fixidez do papel, que põe opaca a sua superfície empalidecida.

A realidade pode ser desatada precisamente quando o nó que argumenta a fixidez das ideias também o for – ao que nos pomos a suspeitar realidades, não a absoluta-realidade argumentada pela linguagem tomada (tornada) fixa pela máquina-papel-comunicação, feitas em multiplicidades que não cessam de entrecruzar. Burrowes diz, com Deleuze e Guattari: “a linguagem não tem origem na concretude das coisas, os enunciados afloram do burburinho de fundo, constituindo em sua passagem as consciências e atualizando-se no contexto social”³⁶. O papel-jornal, que insiste em redundar a realidade, rebocando-a até a aparente inalterabilidade, na água e no fogo põe-se mais sensível ao toque. De uma fixidez que é constante pose, na medida em que contraria o devir de um papel entre margens: rio. Um papel quase sem margens: fogo. E notadamente porque, já entre os dedos de fogo, não resiste: não sabe ser jornal, sendo jornal, perde a pose. Quase-jornal. O papel imprensa não reproduz nem representa a vida: o papel imprensa nos constrange em sua insuficiência em querer ser vida sendo, como papel, “o substituto frágil da realidade: tigre de papel”³⁷; ele quase-vive, em chamas: já não é o papel-duro como a realidade-dura, mas quase-papel em uma entrega comovente ao mundo que quase-é.

É engraçado o papel-jornal, “feito para ser logo degradado, renovado, substituído, torna-se mais uma mercadoria”³⁸, trama de efemeridade urgente de se dissolver entre nossos dedos, insistir na fixação da linguagem. Papel que pretende fingir, na rapidez, um tempo que flui em um mundo que fica – separando com isso, e violentamente, o tempo e o mundo, portanto a linguagem e o mundo. Quem dera fosse pelo sabor da ironia, mas aparece como algo político em outro nível: trabalhar em fixações da linguagem implica lidar com fixações da realidade, isto é, do mundo tal qual o percebemos. Não se trata apenas de pensar o quê de *conteúdo* suporta o papel – onde recaem os protestos e as censuras –, mas de uma forma-conteúdo: o que é possível dizer com sua linguagem e o que essa sua linguagem nos *ensigna*.

³⁶ BURROWES, Patrícia. *Op. cit.*, p. 91.

³⁷ CHEVALIER, Jean. *Op. cit.*, p. 683.

³⁸ DIAS, Susana Oliveira. *Op. cit.*, p. 18.

Sheyla Smanioto Macedo é graduanda em Estudos Literários pela Unicamp, desenvolvendo pesquisa de iniciação científica no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).
heysheyla@gmail.com

Susana Dias é bióloga, doutora em Educação, professora e coordenadora do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Labjor/Unicamp.
susana@unicamp.br

Carlos Vogt é poeta, linguista, coordenador do Labjor/Unicamp e secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo.
cvogt@uol.com.br